

## CLEÓPATRA

CANTO DE UM ESCRAVO

(MME. ÉMILE DE GIRARDIN)

Filha pálida da noite,  
Nume feroz de inclemência,  
Sem culto nem reverência,  
Nem crentes e nem altar,  
5 A cujos pés descarnados...  
A teus negros pés, ó morte!  
Só enfeitados da sorte  
Ousam frios implorar;

10 Toma a tua foice aguda,  
A arma dos teus furores;  
Venho c'roadado de flores  
Da vida entregar-te a flor;  
É um feliz que te implora  
Na madrugada da vida,  
15 Uma cabeça perdida  
E perdida por amor.

20 Era rainha e formosa,  
Sobre cem povos reinava,  
E tinha uma turba escrava  
Dos mais poderosos reis;  
Eu era apenas um servo,  
Mas amava-a tanto, tanto,  
Que nem tinha um desencanto  
Nos seus desprezos cruéis.

25 Vivia distante dela  
Sem falar-lhe nem ouvi-la;  
Só me vingava em segui-la  
Para a poder contemplar; →

30 Era uma sombra calada  
Que oculta força levava,  
E no caminho a aguardava  
Para saudá-la e passar.

Um dia veio ela às fontes  
Ver os trabalhos... não pude,  
35 Fraqueou minha virtude,  
Caí-lhe tremendo aos pés.  
Todo o amor que me devora,  
Ó Vênus, o íntimo peito,  
Falou naquele respeito,  
40 Falou naquela mudez.

Só lhe conquistam amores  
O herói, o bravo, o triunfante;  
E que coroa radiante  
Tinha eu para oferecer?  
45 Disse uma palavra apenas  
Que um mundo inteiro continha:  
– Sou um escravo, rainha,  
Amo-te e quero morrer.

E a nova Ísis que o Egito  
50 Adora curvo e humilhado  
O pobre servo curvado  
Olhou lânguida a sorrir;  
Vi Cleópatra, a rainha,  
Tremor pálido em meu seio;  
55 Morte, foi-se-me o receio,  
Aqui estou, podes ferir.

Vem! que as glórias insensatas  
Das convulsões mais lascivas,  
As fantasias mais vivas,  
60 De mais febre e mais ardor,  
Toda a ardente ebriedade  
Dos seus reais pensamentos,  
Tudo gozei uns momentos  
Na minha noite de amor.

65 Pronto estou para a jornada  
Da estância escura e escondida;  
O sangue, o futuro, a vida  
Dou-te, ó morte, e vou morrer; →

70 Uma graça única – peço  
Como última esperança:  
Não me apagues a lembrança  
Do amor que me fez viver.

75 Beleza completa e rara  
Deram-lhe os numes amigos;  
Escolhe dos teus castigos  
O que infundir mais terror,  
Mas por ela, só por ela  
Seja o meu padecimento,  
E tenha o intenso tormento  
80 Na intensidade do amor.

85 Deixa alimentar teus corvos  
Em minhas carnes rasgadas,  
Venham rochas despenhadas  
Sobre meu corpo rolar,  
Mas não me tires dos lábios  
Aquele nome adorado,  
E ao meu olhar encantado  
Deixa essa imagem ficar.

90 Posso sofrer os teus golpes  
Sem murmurar da sentença;  
A minha ventura é imensa  
E foi em ti que eu a achei;  
Mas não me apagues na fronte  
Os sulcos quentes e vivos  
95 Daqueles beijos lascivos  
Que já me fizeram rei.

MACHADO DE ASSIS

[*Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 75-79.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.